

GILVAN LEMOS: A BIOGRAFIA DE UM BIÓGRAFO XUKURU

Flavio Joselino Benites
Mestrando UFCG
E-mail: flaviojbenites@gmail.com

Introdução

Nosso objetivo nesse estudo, é apresentar resultados iniciais de pesquisa no Mestrado em História, será à problematização do romance chamado “A lenda dos cem” publicado em 1995, pelo escritor pernambucano Gilvan Lemos (1928-2015). Indagaremos sobre as influências e a visão de mundo do autor na constituição da citada obra. Faremos uma discussão sobre quem é o autor, o que lhe motivou criativamente para que pudesse formar uma imagem de um povo indígena imaginário: os “Xacuris” em analogia aos Xukuru de Ororubá, um povo indígena habitando no estado de Pernambuco.

O nosso problema de pesquisa é justificado porque o citado romance foi o primeiro que fez indiretamente menção aos índios Xukuru em Pernambuco; em segundo lugar, a obra foi publicada em 1995, no ápice das disputas por território entre o povo Xukuru Ororubá e os fazendeiros na região nos municípios de Pesqueira e Poção.

A partir da obra literária, nossas problematizações serão entre as diferentes narrativas acerca do povo Xukuru, sob diversas perspectivas, cotejando junto aos debates acerca dos novos estudos sobre povos indígenas no Brasil a partir década de 1990. A pesquisa metodologicamente se pautará na chamada nova história indígena, estudos iniciados nos anos de 1990, pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (CUNHA, 1992); pelos historiadores John Monteiro (MONTEIRO, 1994a e 1994b) e Ronaldo Vainfas (VAINFAS, 1995) e o antropólogo João Pacheco de Oliveira (OLIVEIRA, 1999), ao romperam com a visão sobre a história indígena que tradicionalmente predominou na historiografia brasileira.

Na estratégia de coleta de informações, utilizaremos métodos da pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais (CHIZZOTTI, 2011): a história de vida, analisando a biografia do autor do romance, e a análise do discurso para refletirmos o romance em si. Também será abordado a análise de processos de demarcação de terra pelo Ministério Público Federal (MPF) e periódicos; os jornais locais do estado de

Pernambuco, o *Jornal do Commercio*, o *Diário de Pernambuco* e o *Diário da Noite* publicados na década de 1990, entre outras fontes.

Nessa pesquisa, faremos o cotejamento entre o contexto do autor, a obra e a chamada nova história indígena. Assim, teremos os primeiros argumentos para formular uma narrativa analítica e problematizar as percepções a respeito do sentido da obra, em relação aos conflitos enfrentados pelos Xukuru Ororubá diante dos invasores das terras indígenas na época. Com nossas indagações discutiremos os tipos de influências à Gilvan Lemos, e o que significaram para entendermos como o autor percebeu os indígenas retratados no romance e o que conhecia sobre o litígio envolvendo os Xukuru do Ororubá naquele período.

2. O Gilvan que lemos: uma síntese biográfica e “A lenda dos cem”

“Não tô ouvindo nada! Esse som não presta! Tem que comprar um som! Essa Academia não tem dinheiro nem para comprar um som?” As afirmações se referem a precária estrutura sonora da Academia Pernambucana de Letras (APL) e são palavras de Gilvan Lemos, registradas em sua biografia escrita pelo jornalista Thiago Corrêa, intitulada “Gilvan Lemos: o último capítulo”, publicada em 2017 (CORRÊA, 2017, p. 184).

Gilvan Lemos foi eleito por aclamação no ano de 2011 para ocupar a cadeira 26 da APL. Sim, Lemos era um imortal. Estava aposentado desde dezembro de 1979 como funcionário público e viveu grande parte da vida dedicando-se totalmente à literatura, até seu falecimento em 1º de agosto de 2015, aos 87 anos.

Observamos em conjunto a obra bibliográfica de Lemos, como também entrevistas em sites e estudos acadêmicos para abordamos aspectos de sua vida no cotejamento com o romance estudado. Chamava-se Gilvan de Souza Lemos, nasceu em julho de 1928 no município de São Bento do Una, no atual semiárido pernambucano, aproximadamente a 201 km da capital Recife e mais ou menos 85 km de Caruaru; umas das principais cidades no estado, devido à expansão urbana e econômica. Lemos, era o caçula, do total de cinco filhos, a mãe chamava-se Thereza de Souza Lemos e o pai Joaquim da Silva Lemos.

Na entrevista para Thiago Corrêa, ao abordar sobre a infância na São Bento do Una dos anos 1930, o escritor trouxe uma memória de alegria e tristeza da família por uma série de questões, entre as quais o baixo poder econômico. Por ser mais novo cinco anos em relação aos irmãos, estes fizeram com que tivesse uma certa distância no convívio entre eles, e isto imprimiu uma marca registrada de Lemos, a solidão traço marcante da sua personalidade ao longo da vida (Ibid., p.24). Pois, sempre foi muito reservado, comunicava-se, basicamente com a família. Não casou, não teve mulher e nem filhos. Era uma pessoa de poucos amigos e a rotina depois de aposentado, era trancar-se no apartamento para dedicar-se a escrever romances, novelas e contos.¹

O escritor sempre teve muito gosto por ser independente, pois, seu biógrafo pressupôs que foi devido aos problemas de saúde na infância, inicialmente fazendo-o como ser superprotegido na família, mas um cuidado excessivo que passou a ser um estorvo e a cura da doença significava a liberdade. Desde pequeno teve problema nos olhos, diagnosticado com conjuntivite primaveril, todavia como o serviço de saúde em São Bento do Una era precária foi para Recife pela primeira ficando três meses na capital. O problema nos olhos o seguiu até os 15 anos de idade.

Além das deficiências na saúde, a terra natal também tinha problemas na educação, ingressando aos sete anos de idade na escola, mas isso era comum na época. Apesar dos problemas o escritor tinha boas lembranças dessa época, porque a professora era amiga dos alunos da classe incentivando-os a exercitar as liberdades criativas.

Nesse período de formação o cinema também fez sua cabeça, pois considerava como uma outra forma de diversão, acompanhada de banhos de açude, jogos de futebol e das festas religiosas, entre as quais a Festa de Reis. O cinema, entretanto, foi impactante na vida do escritor, pois foi o primeiro deslumbramento no campo da estética, ficou encantando pela magia da sétima arte. Era um mundo novo fascinante, porém, tinha um contratempo, nem sempre tinha dinheiro para ir as sessões. Esse caráter da penúria econômica foi uma constante em muitos de seus personagens nos romances que escreveu.

No processo de sua formação escolar, o primário na época era destinado a crianças de 7 a 13 anos, terminado esse ciclo somente as famílias com condições econômicas

¹ Pernambuco; Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado: Silêncio e Criação em Gilvan Lemos. Disponível em:< <https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/1460-sil%C3%A2ncio-e-cria%C3%A7%C3%A3o-em-gilvan-lemos.html>>. Acesso agosto de 2019.

enviavam os filhos para fazer o ginásio em colégios de cidades próximas ou na capital. A família de Gilvan Lemos não tendo condições, após terminar o primário ficou em São Bento. Com isso Gilvan sentia-se incomodado por não ter oportunidade de continuar os estudos, sendo então seduzido pelas histórias de colegas quem experimentavam outros horizontes fora da cidade natal. Situação para lamentações, como também motivadora para o desenvolvimento da sua formação, pois desde então seria o único responsável. Sobre essa questão, enfatizava a condição em um documentário sobre sua vida, quando afirmou “eu não sei como consegui ser escritor. Eu não estudei. Isso já lhe contei, que só tinha o terceiro ano primário. Estudei sozinho. Eu não sei como me tornei um escritor”.²

Diante da solidão que lhe era peculiar, ainda mais sem o convívio dos colegas da escola, que foram estudar fora, Lemos teve contato com algo fascinante para a formação: os gibis, passando a conhecer um novo modo de se entreter, refugiando-se em meio a sua solidão nesse novo mundo. Desde criança usava a criatividade e a partir de então passou a fazer as próprias histórias de gibis, confeccionando os desenhos e edições, com muito sucesso na cidade natal.

Diante dos interesses pelas temáticas “sérias” desde pequeno, os gibis produzidos evidenciaram o potencial em articular o real e o imaginário, outra marca dos romances posteriormente, entretanto:

Ainda que seja referências isoladas e superficiais, elas ao menos revelam o crescimento do interesse de Gilvan em relação à situação do país e do mundo, já buscando contextualizar suas tramas historicamente, inserindo elementos do mundo real em suas ficções e indo além das caracterizações simplórias de mocinhos contra bandidos, através de uso de termos como integralista e nazista com sentido negativo atribuindo aos vilões (CORRÊA, 2017, p.54).

As leituras dos gibis foram interrompidas pela irmã Malude, quando Gilvan tinha 15 anos, ao considerá-lo velho demais para àquele gênero, pois era hora de passar para literatura que era algo mais sério, coisa de gente grande. Passando a orientá-lo nas obras que leria futuramente. Sobre isto, Lemos afirmou a Urariano Mota, em uma entrevista no Blog Portal Vermelho que:

² Jornal do Commercio, jornal on-line, jconline.ne10.uol.com.br: Gilvan Lemos é tema de documentário, exibido em 05/06/2015.

Disponível em:< <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2015/06/05/gilvan-lemos-e-tema-de-documentario-184423.php>>. Acesso: agosto de 2019.

Desde criança a leitura tem sido o que existe de mais importante na minha vida. Primeiro me apaixonei pelos gibis. Me interessava também pelos livros infantis de Monteiro Lobato, que os mais velhos indicavam para que eu me instruisse, embora eu não os lesse com esse intuito, e sim por me divertir principalmente com as presepadas da Emília. Depois passei a ler romances. O primeiro que li, O Conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas me conquistou definitivamente. A ficção continua a ser minha leitura predileta. Não sei como uma pessoa passa pela vida sem ler, sem se interessar pela literatura.³

Diante dos problemas econômicos que o impediram de concluir os estudos básicos e de não ir ao cinema toda vez que sentisse vontade, e não mais lendo gibis, a atenção foi para ler revista onde a parte dos contos mais lhe interessava. A revista chamava-se “Alterosa”, criada em 1939 em Minas Gerais, publicada mensalmente até 1964.

Nessa revista foi lançado um concurso de contos. Gilvan viu uma janela para a carreira de escritor. Em 1947 enviou um conto que havia escrito em 1945, quando tinha 17 anos. Lemos em sua biografia relatou que fez a inscrição em segredo temendo um constrangimento público. Tempos de angústia para saber se teria ao menos aprovado o conto para concorrer ao prêmio, até que alguns meses depois chegou a informação que o conto iria concorrer ao prêmio de publicação na revista. Contou a todos sobre esse feito: a aceitação do conto. O fez com uma edição da revista “Alterosa” nas mãos, pois não precisava esconder de ninguém a pretensão ao concurso, assim mostrou a edição aos pais, irmão, à empregada, ao gato, galinhas, a todos quanto possível (CORRÊA, 2017, p. 76-77).

A felicidade do escritor completou-se alguns meses depois, na edição de março em 1948, prestes a completar 20 anos, quando o conto “Pelo caminho mais curto” foi publicado. O primeiro conto era ambientado num cenário rural, narrando a história de um casal que enfrentava dificuldades financeiras, apresentando um marido preguiçoso casado somente por interesses, pouco a pouco o marido fez com que perdessem todo o patrimônio com noitadas e bebedeiras. Esse conto estaria composto de uma marca literária do escritor: desde a fala de modo popular das personagens, dificuldades financeiras, alusão ao jogo para solucionar problemas e a utilização de dados biográficos como matéria-prima para a ficção, articulação do real e o fictício.

³ Blog Portal Vermelho. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/157107-1>>. Acesso agosto 2019.

No mesmo ano, novamente o nome de Gilvan Lemos foi estampado na revista, com a segunda publicação, o conto “Viagem ida e volta”, escrito em outubro de 1947 e publicado em novembro de 1948. O autor relatou que ficou vaidoso com a façanha na revista evidenciando o talento como escritor. Portanto, São Bento do Una ficava pequena demais para o tamanho de Gilvan Lemos e não correspondia aos seus anseios.

Esses aspectos apresentam indícios da vida de Gilvan Lemos ao mundo das letras, de como aos poucos foi construindo a capacidade artística como escritor. Desde as dificuldades, como também os êxitos e escolhas, diagnosticando como desde cedo o talento, colocando em teste a capacidade criativa, para que se tornasse o escritor consagrado ao longo da trajetória.

Percebemos também, que estava sempre se atualizando em face do mundo das letras. O quanto possível, estava atento não só aos problemas sociais como também as transformações sociais no Brasil e no mundo ao longo dos tempos. Gilvan Lemos pela característica de ser engenhoso com as palavras e perspicaz aos acontecimentos vivenciados, para conjuntamente fomentar os traços característicos de seus romances o diálogo do mundo vivido com o mundo imaginado, do como as coisas são para o como deveria ser.

O colunista do Portal São Bento do Una, evidenciou aspectos da capacidade literária de Gilvan Lemos;

É evidente que ninguém nasce sabendo. A pessoa mesmo tendo pendores literários precisa ler autores diversos e a partir deles forjar o seu próprio estilo. Mal comparado, é como os cantores novos do século passado que começavam imitando o seu ídolo e depois se libertando e tomando o seu próprio estilo. Gilvan se iniciou para a vida literária quando pontificavam nas letras brasileiras figuras como Érico Veríssimo (1905-1975), José Lins do Rego (1901-1957), Jorge Amado (1912-2001), Lúcio Cardoso (1913-1968). Esses autores Gilvan não só os amou como os imitou desordenadamente. Hoje, com seu faro apuradíssimo, ele depurou esses autores, salvando dois ou três romances de Lins do Rego e de Veríssimo e riscando Cardoso e Amado. Já por Graciliano Ramos (1892-1953), Gilvan tem uma identificação com todos os seus livros, pelo seu apuro e despojamento da escrita.⁴

Gilvan mudou-se para Recife em maio de 1949, pouco antes de completar 21 anos. Não foi nada fácil, foram três meses na procura de emprego, chegando à conclusão que

⁴ Portal São Bento do Una, Orlando Calado: Coluna 69: Gilvan Lemos, simplesmente um escritor. Publicada dia 17 de fevereiro de 2007. Disponível em:< https://portalsbu.com.br/?sec=coluna_orlando&id=69>. Acesso em agosto de 2019.

estava em piores condições que na terra natal. De modo geral, a mudança para capital, significou muitas transformações na vida, uma enorme ampliação dos horizontes, na vida como um todo. Pois nesse novo local conheceu amores, pôde se estabelecer profissionalmente como funcionário público e por fim começou a dar forma a sua literatura com um tom de seriedade.

Empregado e remunerado em Recife, Gilvan a partir de então começou a se aproximar da tecnologia da época. Para o empreendimento literário, passou a usar máquina de escrever, não mais a escrita à mão: “entre a aquisição da “Hermes Baby” [marca da máquina] em dezembro de 1950 e o início da escrita de “Noturno sem música” em de março de 1951 foram três meses de silêncio. O escritor não sabia como iniciar a história (CORRÊA, 2017, p.89), “Noturno sem música” foi o primeiro romance “sério”. Escreveu o romance em 41 dias. Motivado pela experiência dos prêmios dos contos na revista, Gilvan sentiu-se estimulado em concorrer ao concurso literário; “Vânia Souto de Carvalho”, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura do Governo, com uma comissão julgadora formada por dramaturgos, poetas e jornalistas conceituados no estado.

Apesar de atrasos, as inscrições foram abertas no início de agosto 1952, sendo publicado o resultado final em 1º de dezembro do mesmo ano. Na categoria romance, “Noturno sem música” ficou na segunda colocação, junto com o romance do escritor Osman Lins que vinha se destacando no cenário literário pernambucano. Essa premiação fez com que tivesse uma notoriedade e romper um certo isolamento social que mantinha na época.

A partir daí a produção literária começou a se consolidar, como também os prêmios. Assim, teve uma grande repercussão nacional a partir de 1968 o livro “Emissários do diabo”, publicado pela Editora Civilização Brasileira, na sequência seus principais romances foram: “Jutaí menino” publicado pelas Edições O Cruzeiro em 1968; “Os olhos da treva” pela editora Civilização Brasileira, 1975; “O anjo do quarto dia” na Editora Globo, 1976; “Os pardais estão voltando” pela Editora Guararapes em 1983; “Espaço terrestre” publicado pela Editora Civilização Brasileira em 1993; “Cecília entre os leões” na editora Bagaço, 1994; “A lenda dos cem” pela Civilização Brasileira, 1995; “Morcego cego” pela Record, 1998. Publicou mais de 30 livros, além desses romances contos e novelas.

Quanto as relações com pessoas importantes da cena cultural pernambucana, ao início da vida adulta no Recife, obteve apoio de duas figuras extremamente necessárias na gênese da carreira: Osman Lins e Hermilo Borba Filho. No caso de Osman, desempenhou o papel de apresentá-lo ao universo intelectual do Rio de Janeiro e de São Paulo, e no caso de Hermilo com dicas técnicas sobre como poderia melhorar o que escrevia com tanto empenho⁵.

Nos últimos anos de vida, Gilvan Lemos optou por ficar recluso no apartamento, no 12º andar, no edifício Mandacaru no bairro Boa Vista, Recife. Era uma reclusão para o silêncio em meio ao tumulto do entorno. Nos últimos dias de vida, na entrevista para a composição de sua biografia, reclamava do sacrifícios e dificuldades que a avançada idade lhe impunha, porém recusava ajuda de familiares, pois nunca gostou de incomodar ninguém (CORRÊA, 2017).

Após sua morte em razão de tudo que produziu em termos literários, o legado dali em diante seria incerto, pois, Gilvan nunca se casou ou teve filhos não deixando ninguém da família para administrar sua obra. Entretanto, em 2016 iniciou a construção do “Espaço Cultural Escritor Gilvan Lemos”, um local contando com biblioteca, museu e oficina de artes, em São Bento do Uma. Com a coordenação da sobrinha Lívia Valença, para preservar a memória do romancista e parte de sua obra.⁶

2.1.Os índios na História: “A lenda dos cem” e a “história dos índios” Xacuris.

Sempre procuro escrever do que eu sei, do que eu conheço (...) eu não escrevo um romance, eu vivo o romance (...) trabalho a crítica baseado na realidade (...) Dos índios hoje...aqueles índios agora em Pesqueira mesmo está aquela revolta de índio, aquilo tudo é falsificação. Em Pesqueira não têm mais índio. Inclusive quando eu era do Conselho de Cultura, tinha uma índia e, essa era verdadeira, de Brejo, de Brejo né !?... Aquela cidadezinha que tem uma comunidade índia. Ela

⁵ Blog *PorAqui*: Biografia remonta a trajetória do escritor pernambucano Gilvan Lemos. Disponível em: < <https://poraqui.com/grande-recife/biografia-remonta-a-trajetoria-do-escritor-pernambucano-gilvan-lemos/>>. Acesso agosto de 2019.

⁶ Site Cultura PE: o portal da cultura pernambucana, São Bento do Una terá Espaço Cultural Gilvan Lemos. Notícia de 25 de outubro de 2016. Disponível em: < <http://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/sao-bento-do-una-tera-espaco-cultural-gilvan-lemos/>>. Acesso em agosto de 2016.

disse que foi encarregada pelo governo um estudo, chegou em Pesqueira e não encontrou um índio, antes dessa revolta né!? Não encontrou um índio. Lá tinha realmente, mas ficou tudo aculturado. Agora apareceu uns sabidões tão tomando terra, tão tomando tudo. Aquilo tudo não tem sentido nenhum. E geralmente é assim né!? Você vê os índios cabelo pixaim, [etnia] preto [...].

Essas são afirmações de Gilvan Lemos em uma entrevista ao programa “Leituras da TV Senado”, exibida em 24 de dezembro de 2005.⁷ Afirmações que possibilitam pistas do como o cidadão Gilvan Lemos compreendia o que os indígenas no Município de Pesqueira, no estado de Pernambuco, estavam vivenciando. E como percebia os povos indígenas de um modo geral.

A partir desse momento traçaremos uma problematização em três eixos: o primeiro será abordagem do romance “A lenda dos cem”, sob o ponto de vista do conteúdo como também no período da publicação, o segundo eixo será a situação do povo Xukuru do Ororubá na época da publicação da obra, e o terceiro eixo apontamentos a respeito dos estudos iniciados nos anos de 1990 sobre a temática indígena, em Antropologia e História. Todos eixos articulados para pensarmos a situação dos povos indígenas na Região Nordeste e os enfrentamentos com invasores nas terras indígenas e como o romance nos ajuda nessa problematização.

Sendo assim, temos um romance como nossa fonte primordial e, diante dessa situação, enfatizamos que não propomos nesse momento uma discussão sobre o que é Literatura, qual a função da arte, quais os limites do artístico de uma obra ou muito menos questionar os limites tensos entre a ficção e a realidade. O que temos como argumento para nosso estudo, nessa etapa, é que ao analisarmos uma obra literária não podemos perder de vista que estamos tratando de criações da imaginação humana, produzidas em uma época e um lugar. Diante disso, compreendemos que à atividade literária está inserida em um processo histórico, porém, a Literatura não se revela simplesmente em uma época,

⁷ TV Senado Programa Leituras. Esse programa é apresentado semanalmente dedicado à análise e à divulgação da literatura brasileira. Entrevistas com escritores e análises de obras literárias, com espaço para todas as correntes criativas. Os comentários procuram formar um juízo de valor ressaltando as qualidades dos entrevistados e os possíveis equívocos dos textos que são analisados. Leituras - Gilvan Lemos: nessa entrevista com Gilvan Lemos tratou sobre sua obra, a abordagem de do discurso universal numa estrutura regional. Na entrevista, exibida em 24/12/2005, o autor narrou sobre a infância em São Bento do Una (PE) e sobre a visão do mundo traduzida na prosa leve e questionadora. Disponível em:< <https://www.senado.leg.br/noticias/TV/Video.asp?v=178166>>. Acessado em agosto de 2019.

mas é formada, criada e recriada a partir de diálogos com outras obras em cada época, com a produção literária que a precedeu a partir das experiências do presente do autor.

Sobre o uso desse tipo fonte para o exercício da reflexão histórica “textos literários (...) podem nos oferecer traços, pistas, referências do modo de ser, viver e agir das pessoas, de imagens sensíveis do mundo, dos valores e costumes, do imaginário, de histórias de determinada épocas” (GUIMARÃES, 2012, P.316). Assim, a pertinência em relacionar História e Literatura ocorre porque “Literatura e História são narrativas que tem o real como referente, para confirma-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem a vida e que a explicam” (PESAVENTO, 2008, p.3). Logo, o texto literário pode ser tomado como fonte de estudo, porque a História se faz presente através da mediação criadora da linguagem da Literatura, mesmo sendo um tipo especial de fonte, pois a mesma tem uma dimensão artística que não pode ser ignorada como apontou (CORONEL, 2008).

O romance “A lenda dos cem”, conforme consta na biografia de Gilvan Lemos, foi em concluído em 1992, porém só foi publicada em 1995 pela editora Civilização Brasileira. Na obra com viés histórico, Gilvan ao invés de adotar o ponto de vista do colonizador, como fez em outra obra, optou pelo olhar dos nativos; pois abordou sobre “uma tribo dos Xacuris, inspirada nos índios Xucurus de Pesqueira, município vizinho de São Bento do Una” conforme (CORRÊA, 2017, p. 174).

Em maio de 1995, na revista “Suplemento Cultural”, encontra-se, possivelmente, a primeira resenha da obra, anunciando mais um romance de Lemos. Redigida pelo jornalista Ricardo Japiassu, inicia com essas afirmações: “uma obra instigante, marcada por paixões, violência, sedução, denúncias de injustiças sociais e vingança (...) Gilvan Lemos brinda os leitores com nono romance (...) obra fictícia, tem como protagonistas os índios aculturados da região Agreste de Pernambuco” (JAPIASSU, 1995, p.13).

A obra em si, é uma narrativa não-linear, com várias histórias entrecruzadas, mesmo que em princípio pareçam ser todas desconexas, tendo como elo principal Pedro Correia, conhecido como Peto, descendente do povo “Xacuris”. Um “remanescente” (não um indígena) após sobreviver ao massacre do seu povo sob interesses de uma multinacional americana representado por Mr. Rodber, que pretendia se apossar das terras

habitadas pelos indígenas. Contudo, o romance nos conduz como se estivéssemos assistindo um filme de faroeste norte-americano, pois, narra a saga de três gerações dos Xacuris, uma analogia aos Xukuru de Ororubá. Lembrando o gênero faroeste porque expôs a violência, os crimes, o heroísmo e a impunidade, que faz parte do cotidiano de regiões similares como em filmes, tendo como cenário o interior de pernambucano, ora Recife. Ao longo da trama, ocorrem várias reviravoltas na vida de *Peto*, que no decorrer do romance desencadeará na tentativa vingança ou justiça contra os dizimadores do seu povo.

A obra foi publicada em 1995, tem como tema uma comparação, mesmo que ficcional com o povo Xukuru. No entanto, nessa época os indígenas estavam mobilizados pela retomada de suas terras, tendo como meio de fortalecimento as reivindicações à Constituição Federal de 1988 para assegurar os direitos. Após o contexto vivenciado pelos Xukuru após muitos conflitos, violências e assassinatos de indígenas, por pressão dos índios em 1989 que a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) iniciasse o processo Identificação e Delimitação do espaço, em 1992 foi declarada a posse permanente dos Xukuru do Ororubá e, em 1995 o território teve a demarcação definitiva, sendo homologado em 2001.

Seguindo essa reflexão, pensemos no segundo eixo, sobre a situação dos Xukuru também naquele contexto. Sendo assim, os Xukuru, atualmente habitando na região da Serra do Ororubá (1.125 metros) e adjacências, no estado de Pernambuco, semiárido pernambucano, entre os municípios de Pesqueira e Poção a cerca de 215 Km da capital Recife. Sobre os primeiros registros na região, estudos apontaram para o período colonial a ocupação, datando o século XVI (FIALHO, 1992, p. 30-54). Desde está época ocorreram transformações devido aos processos de expropriação das terras indígenas, como também a narrativa dos invasores sobre suposta a perda da identidade nas relações entre os indígenas e os não índios, onde “a presença colonial que instaura uma nova relação da sociedade com o território, deflagrando transformações em múltiplos níveis de sua existência sociocultural” (OLIVEIRA, 2004, p.22).

Diante desse processo de esbulhos, os Xukuru no processo de reaverem o território, se organizaram social politicamente a partir 1985 com a liderança de Francisco de Assis Araújo, conhecido como “Xicão”. Anterior a esse período ocorreu a dispersão

do povo Xukuru em fazendas da região como trabalhadores temporários e para cidade de Pesqueira, mesmo assim, não esqueceram das relações que os tornavam Xukuru (SILVA, 2017). Esse processo de reconquista do território foi denominado pelos indígenas como “retomada” e em muitas das retomadas ocorreram violências por parte dos fazendeiros que reconheciam as terras aos indígenas.

Portanto, esse momento de reconquista teve consequências dramáticas para os Xukuru, com muitas perseguições, assassinatos de liderança, várias tentativas de homicídios de indígenas e feridos. Em 1998 o Cacique “Xicão” foi assassinado com vários tiros e o atual Cacique Marcos sobreviveu a uma emboscada em 2003 (PIANI, 2007, p. 187-188). Todas as ameaças e homicídios foram para tentar deslegitimar as reivindicações e as mobilizações no processo de retomada do território onde habitavam, mas tais situações fortaleceram ainda mais a resistência e as mobilizações dos Xukuru por direitos às terras invadidas pelos fazendeiros.

No terceiro eixo, problematizaremos as imagens e discursos equivocados sobre os índios no Brasil. Para isso, destacamos as pesquisas da chamada nova história indígena, pois esses estudos foram iniciados nos anos de 1990, pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (CUNHA, 1992); os historiadores John Monteiro (MONTEIRO, 1994a e 1994b) e Ronaldo Vainfas (VAINFAS, 1995) e pelo antropólogo João Pacheco de Oliveira (OLIVEIRA, 1999) que romperam com a visão sobre a história indígena que tradicionalmente predominou na historiografia brasileira.

Nesse sentido, esses novos estudos evidenciaram o lugar e o significado dos índios na História. A exemplo da obra organizada pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (CUNHA, 1992) “História dos Índios no Brasil”. Uma coletânea considerada um marco da considerada “nova história indígena no Brasil”, termo assinalado pelo falecido historiador John Monteiro em sua Tese de Livre Docência defendida na Universidade de Campinas (UNICAMP) em 2001. Para a citada antropóloga “A percepção de uma política e de uma consciência histórica em que os índios são sujeitos e não apenas vítimas, só é nova eventualmente para nós” (CUNHA, 1992, p. 18).

Na mesma perspectiva temos, o historiador John Monteiro (MONTEIRO, 1994a) com “Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo”, publicação correspondente Tese de Doutorado, estabeleceu um novo lugar na história para o índio –

o negro da terra – na engrenagem do sistema produtivo paulista durante os séculos XVI a XVIII, significando uma nova abordagem na historiografia brasileira. O autor evidenciou em sua pesquisa que as populações indígenas ocuparam um papel central na história social de São Paulo e transcendendo a isto, a relevância destacada na América Portuguesa como um todo.

Outra obra organizada pelo mesmo autor (MONTEIRO, 1994b), o “Guia de fontes para a história indígena e do indigenismo em arquivos brasileiros”, tornou-se um singular instrumento de pesquisas que descreveu o conteúdo de mais de 500 conjuntos documentais com informações sobre o passado dos grupos indígenas em arquivos públicos das capitais brasileiras, para se pensar as novas perspectivas de abordagens sobre os índios enquanto sujeitos da/na História.

Na mesma década, o também historiador Ronaldo Vainfas publicou “A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial” (VAINFAS, 1995). Este autor analisou a partir da documentação produzida pelo Inquisidor na Primeira Visitação do Santo Ofício à Bahia onde defrontou-se com a denominada Santidade de Jaguaripe, o movimento de tipo milenarista, composto em sua maioria por índios rebeldes à situação colonial nos anos de 1565. A questão central do livro foi interpretar a situação enquanto um fenômeno mais geral e abrangente de resistência indígena à colonização. Nesse sentido, o estudo recuperou o que muitos historiadores e antropólogos antes de 1990 insistiram em negar: a atividade e participação dos índios enquanto sujeitos na/da História em face da colonização portuguesa no Brasil.

A coletânea organizada pelo antropólogo João Pacheco de Oliveira, “A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena” (OLIVEIRA, 1999; 2ª edição 2004), marcou de modo decisivo as mudanças ocorridas nos recentes estudos sobre os povos indígenas no Nordeste e também para as regiões mais antigas da colonização. No livro, o autor expôs de modo introdutório, a problematização das pesquisas sobre os denominados “índios misturados” no Nordeste, a partir de conceitos que serão fundamentais para o nosso estudo como territorialização, territorialidade e emergência étnica. Evidenciando qual a peculiaridade étnica dos índios nessa Região do Brasil, confrontando as teses sobre “aculturação” que advogam contra a inexistência dos

povos indígenas no Nordeste. Nesse sentido, a noção de territorialização, conceito central para sua tese, segundo João Pacheco de Oliveira:

É definida como um processo de reorganização social que implica i) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; ii) a constituição de mecanismos políticos especializados; iii) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; iv) a reelaboração da cultura e relação com o passado (OLIVEIRA, 2004, p.22).

A partir dessas obras citadas discutiremos a necessidade de se compreender os diversos processos históricos e as diferentes leituras em seus conceitos, e concepções para se discutir o lugar dos índios na História, para superação de equívocos, desinformações e preconceitos sobre os povos indígenas no Nordeste. No sentido das considerações conforme explicou o antropólogo José Maurício Arruti:

O olhar "científico" dirigido sobre os índios do Nordeste, até as primeiras décadas do século XX, acompanhava o diagnóstico sobre a extinção desses grupos, reificando uma realidade produzida por decisões estatais de fundo jurídico, como veremos mais adiante (ARRUTI, 1995, p. 61).

Assim, destacamos que o exercício da reflexão histórica é discutir as fontes que contribuem no fazer histórico, sejam: documentais, bibliográficas, ou produzidas mediante pesquisas de campo, com o objetivo de contemplar as denominadas minorias (que são majorias), como as populações indígenas. Pois, uma historiografia pensada de baixo para cima, compreendendo o sentido do passado, relacionando-os com a atualidade (HOBBSAWN, 1998), favorecendo a problematizar o sentido de como o índio está retratado no romance “A lenda dos cem”. Sobretudo após a Constituição de 1988 que favoreceu direitos e novos olhares sobre índios no Brasil, seja na demarcação de terras, seja os reconhecimentos indenitários étnicos.

Apresentamos abaixo algumas visões das construções acerca do ser indígena Xacuris, alçadas pelo autor Gilvan Lemos no citado romance;

Os cabelos longos de alguns assinalavam **os últimos vestígios de suas origens**, salvo **outros costumes que conservavam sem tradição definida** (...). Ali se postavam habitualmente a maioria dos Xacuris que tinha **trocado** a aldeia pela cidade. Acanalhados, prostituíam-se, homens e mulheres, perdiam a noção de amor próprio, pediam esmolas, caíam bêbados pelas calçadas (...). **Os costumes dos Xacuris há muito tempo se misturavam com dos da civilização** (...) [o índio Olímpio] nunca tirava o chapéu, ao seu título de nobreza **emprestado da civilização** (LEMOS, 1995, p.14-20). (Grifo nosso).

Desse modo, tal conteúdo absorvido de forma não problematizada depõe diretamente em desfavor aos Xukuru, quanto ao sentido da identidade, quanto ao direito ao território. Isto porque o autor construiu a ideia do “ser” Xacuris/Xukuru a partir de um imaginário perpetuado ao longo dos séculos contra os povos indígenas em geral. O olhar predominante na sociedade como um todo, parte da crença que os povos indígenas para serem considerados índios, somente se apresentarem características estigmatizadas e folclóricas. Por isso argumentamos a necessidade de problematizar o romance a luz da nova história indígena diante das mobilizações pela terra dos Xukuru para problematizarmos certas visões naturalizadas que não condizem com as experiências concretas desse povo.

Referências

- ARRUTI, José Maurício Andion. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 57-94.
- CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Petrópolis, Vozes, 2011.
- CORRÊA, Thiago. **Gilvan Lemos: o último capítulo**. Recife, CEPE, 2017.
- CORONEL, Luciana Paiva. Literatura como fonte: a interpretação do Brasil contida na literatura de periferia dos anos 90. **Anais do IX Encontro Estadual de História: vestígios do passado: a história e suas fontes**, Porto Alegre, 2008.
- FIALHO, Vânia Rocha de Paiva e Souza. **As fronteiras do ser Xukuru: estratégias e conflitos de um grupo indígena no Nordeste**. Recife, UFPE, 1992 (Dissertação em Antropologia).
- GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História**. 13ª ed. ver. e ampl. Papirus. Campinas, 2012.
- JAPIASSU, Ricardo. A lenda dos Cem, o novo romance de Gilvan Lemos. **Suplemento Cultural: Coletânea 1995**.
- HOBBSBAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- LEMO, Gilvan. **A lenda dos cem**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.
- MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. Campinas, SP, UNICAMP, 2001 (Tese Livre Docência).
- _____. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994a.
- _____. **Guia de fontes para a História indígena e do indigenismo em arquivos brasileiros: acervos das capitais**. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1994b.
- OLIVEIRA, João Pacheco. (Org.). **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste Indígena**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004.
- PIANI, Pedro Paulo Freire. **Organização sociopolítica do povo Xukuru do Ororubá**. São Paulo, 2007.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Disponível em:< <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto58/FO-CX-58-3720-2007.PDF> >. Acesso maio de 2019.

SILVA, Edson Hely. **Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/ PE), 1959-1988**. 2ª. ed. Recife, EDUFPE, 2017.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.